

THAYS MARQUES DOS SANTOS

A INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Brasília
2017

THAYS MARQUES DOS SANTOS

A INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA


Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciatura em
Educação Física pela Faculdade de
Ciências da Educação e Saúde Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Prof. Dr. Arthur José
Medeiros de Almeida

Brasília
2017

ATA DE APROVAÇÃO

De acordo com o Projeto Político Pedagógico do **Curso de Educação Física do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB**, o (a) acadêmico (a) **THAYS MARQUES DOS SANTOS** foi aprovado (a) junto à disciplina da licenciatura **Trabalho de Conclusão de Curso II**, com o trabalho intitulado **A INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**.



Prof. Dr. Arthur José Medeiros de Almeida
Presidente



Prof. Me. Rômulo de Abreu Custódio
Membro da Banca



Prof. Me. Tácio Rodrigues da Silva Santos
Membro da Banca

Brasília, DF, 12 / 06 / 2017

RESUMO

Introdução: O Autismo é uma síndrome comportamental que necessita ser mais bem compreendida tanto pela sociedade em geral, quanto pelos profissionais da área de Saúde e de Educação. No que diz respeito às características físicas e fisiológicas, os autistas possuem algumas diferenças, principalmente no modo de olhar, na fala e em sua dinâmica corporal. **Objetivo:** O objetivo desse estudo é analisar de que maneira os estudantes com autismo podem ser incluídos nas aulas de Educação Física. **Materiais e Métodos:** Trata-se de uma pesquisa de nível exploratório, com abordagem qualitativa, realizada por meio de revisão de literatura. Foram consultados documentos oficiais, livros, artigos científicos e monografias. **Revisão:** A escola torna-se inclusiva à medida que reconhece a diversidade que constitui seus alunos, e responde com eficiência pedagógica a essa diversidade. Para que isso aconteça, é necessário adequar os diferentes elementos curriculares, de tal forma que busquem atender às peculiaridades de todos os alunos. É certo que os autistas, de um modo geral, possuem perturbações de índole cognitiva. A maioria apresenta um déficit no âmbito da aprendizagem, na formação de conceitos e na imaginação. Em observância a essa dificuldade, a Educação Física apresenta um papel fundamental para o desenvolvimento global dos alunos, tanto em relação à motricidade, quanto em relação aos fatores cognitivos, sociais e afetivos. Com isso, contribui-se para que o aluno autista desenvolva, de forma mais eficiente, suas aptidões sociais, obtendo, assim, uma melhor qualidade de vida. **Considerações Finais:** Observou-se através desse estudo que os profissionais não estão bem preparados para atender os alunos autistas. Faltam conhecimentos sobre o transtorno, informações sobre como agir perante os casos mais graves e, em muitos casos, boa vontade dos profissionais. A realidade é que, na maioria dos casos, os professores e os colegas de classe simplesmente ignoram os alunos autistas, deixando-os de fora das atividades, ou, simplesmente, não os estimulam a participar das aulas. Tais fatos prejudicam, de forma clarividente, o desenvolvimento escolar dos portadores dessa síndrome.

Palavras-chave: Autismo. Educação Física. Inclusão. Escola

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 MATERIAIS E MÉTODOS.....	7
3 REVISÃO DA LITERATURA.....	8
3.1 Educação Inclusiva	8
3.2 O autismo e sua relação com o processo de ensino e aprendizagem	11
3.3 A Educação Física e sua contribuição para a inclusão do estudante autista.....	13
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
REFERÊNCIAS.....	17
ANEXO A: CARTA DE ACEITE DO ORIENTADOR.....	19
ANEXO B: CARTA DE DECLARAÇÃO DE AUTORIA	20
ANEXO C: FICHA DE RESPONSABILIDADE DE APRESENTAÇÃO DE TCC.....	21
ANEXO D: FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE APRESENTAÇÃO DE TCC	22
ANEXO E: FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREGA DA VERSÃO FINAL DE TCC	23
ANEXO F: AUTORIZAÇÃO.....	24

INTRODUÇÃO

O Autismo é uma síndrome comportamental pouco conhecida tanto pela sociedade em geral, quanto por profissionais da área de Saúde e de Educação. Essa síndrome tem sido alvo de muitas discussões nos últimos anos, principalmente com o aumento de matrículas de alunos nas escolas regulares (SILVA, 2016).

Na década de 1940, os psiquiatras austríacos Leo Kanner e Hans Asperger separadamente, divulgaram os primeiros trabalhos sobre este transtorno de desenvolvimento. O Autismo também é conhecido como Transtorno do Espectro Autista, sendo uma deficiência cuja origem é multifatorial, e envolve componentes genéticos e ambientais (PEREIRA, 2015).

As pesquisas nesta área são cada vez mais recorrentes, porém as razões dessa síndrome ainda são desconhecidas. São vários os fatores que levam ao autismo. O que se sabe de fato é que a genética e os agentes externos desempenham um papel chave nas causas do transtorno. São várias as vertentes que levam a esse assunto, alguns estudos mostram que muitos genes parecem estar envolvidos nas causas do autismo, outros tornam as crianças mais melindrosas ao transtorno, outros afetam o desenvolvimento do cérebro e a comunicação entre os neurônios e ainda determinam a gravidade dos sintomas (SOUZA, 2015).

Em alguns casos, os autistas apresentam lesões cerebrais, problemas neurológicos, sinais de muita inteligência, mas cada um com as suas características. O autismo pode aparecer nos primeiros meses de vida ou manifesta-se até os cinco anos de idade. Cada caso é um caso, com suas devidas particularidades. A criança pode apresentar hiperatividade, déficit de atenção, desordens motoras, sensoriais e de percepção. No que diz respeito às características físicas e fisiológicas eles apresentam algumas diferenças, como no modo de olhar, na fala ou na dinâmica corporal (COPETTI, 2013).

A proposta de inclusão escolar de crianças com necessidades educativas especiais procura evitar que as crianças se isolem. Criando oportunidades para a interação entre elas, visando à diminuição do preconceito. Um fator interessante é analisar a presença de alunos com deficiência no ambiente regular de ensino, assim

como as interações sociais que ocorrem naturalmente entre alunos com deficiência e os demais (BATISTA; ENUMO, 2004).

De acordo com Silva e Aranha (2005) A educação inclusiva tem despertado, no meio educacional, angústias e entusiasmos. Gerando a mudança de um sistema educacional, que se caracterizou tradicionalmente por ser excludente e crucial para um sistema educacional que se comprometa efetivamente a responder com qualidade e eficiência, às necessidades educacionais de todos, inclusive às dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, exigindo assim um processo complexo de transformação, tanto no âmbito escolar, como na prática cotidiana de ensino. Todo processo de transformação trás consigo mudanças de paradigmas, provocando inúmeras reações e pontos de vista.

Acredita-se que a Educação Física pode ser um elo de grande importância no processo de adaptação, onde depende de o professor encarar o desafio para encontrar a maneira mais adequada e a forma correta de ensinar crianças autistas não só a vencerem seus obstáculos, mas também desenvolver suas potencialidades (FARINHA, 2014).

A importância e os benefícios da educação física na infância e durante toda a vida é muito grande, ela tem um papel fundamental perante o atendimento a crianças autistas como meio de aprendizagem motora, de ensino neuromuscular, desenvolvimento de habilidades motoras, melhor qualidade de vida e potencializando a socialização e interação das crianças autistas fazendo com que desenvolvam sua consciência corporal, podendo assim identificar possíveis problemas motores e psicomotores (TEIXEIRA, 2015).

Desse modo, o objetivo desse estudo é analisar de que maneira os estudantes com autismo, podem ser incluídos nas aulas de Educação Física. Pois uma das maiores dificuldades do Autista é a de interagir socialmente e a recusa pelo contato físico, dois aspectos muito presentes nas aulas de Educação Física.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso é um estudo exploratório com abordagem qualitativa. Foi realizada uma revisão bibliográfica com artigos científicos, disponibilizados nas seguintes bases de dados Lilacs, Scielo e Google

Acadêmico. Utilizou-se também Trabalhos de Conclusão de Curso, livros e documentos oficiais disponíveis na internet. O tema de pesquisa foi “a inclusão de alunos autistas nas aulas de educação física”. Utilizados para tal, as seguintes palavras-chave para a pesquisa: Autismo. Educação Física. Inclusão. Escola

Para a elaboração da pesquisa foi feita a leitura exploratória, que tem como objetivo verificar em que medida a obra consultada interessa a pesquisa. Foi feita também leitura seletiva, acontece logo após a leitura exploratória, ela se dá a partir da seleção, para que isso aconteça é necessário memorizar os objetivos da pesquisa, evitando assim a leitura de texto que não possuem relevância para solucionar o objetivo proposto.

Logo, após a leitura seletiva, é feito a leitura analítica onde se baseia a partir dos textos já selecionados com o objetivo de ordenar as informações importantes das fontes pesquisadas, possibilitado a obtenção de respostas. Por fim, a última fase do processo de leitura, tem como objetivo principal relacionar o que o autor afirma com o problema para o qual se propõe uma solução.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 Educação Inclusiva

No Brasil a tendência para inserção de alunos com necessidades especiais na rede regular de ensino já anunciada desde o final dos anos 70, tomou mais força na década de 80 com as discussões sobre os direitos sociais, que precederam a Constituinte, as quais enfatizavam reivindicações populares e demandas de grupos ou categorias até então excluídos dos espaços sociais. através desse movimento culminou, a luta pela ampliação do acesso e da qualidade da educação das pessoas portadoras de deficiência, no início dos anos 90, com a proposta de Educação Inclusiva, essa que por sua vez, encontra-se em vigor hoje é amparada e fomentada pela legislação, e tornou-se um fator determinante das políticas públicas educacionais a nível federal, estadual e municipal (FERREIRA; GLAT, 2003).

A escola torna-se inclusiva à medida que reconhece a diversidade que constitui seus alunos, e responde com eficiência pedagógica a essa diversidade. Para que isso aconteça, é necessário adequar os diferentes elementos curriculares,

de tal forma que busquem atender às peculiaridades de todos os alunos. O ensino tem que ser mais flexível, adotando-se estratégias diferenciadas e adequando a ação educativa às maneiras peculiares dos alunos aprenderem, sempre considerando que o processo de ensino e de aprendizagem busca atender à diversificação de necessidades dos alunos na escola (BRASIL, 1999).

O conceito de escola inclusiva, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Especial (BRASIL, 1998), implica em uma nova postura da escola regular que deve propor no projeto político-pedagógico, no currículo, na metodologia, na avaliação e nas estratégias de ensino, ações que favoreçam a inclusão social e práticas educativas diferenciadas que atendam a todos os alunos. Sendo que, numa escola inclusiva a diversidade é valorizada quando há homogeneidade. Porém, para oferecer uma educação de qualidade para todos os educandos, inclusive os portadores de necessidades especiais, a escola precisa capacitar seus professores, criar uma estrutura interna no âmbito escolar, desenvolvendo formas de melhor aprendizagem, criando, modificando o sistema, para que assim, haja uma escola de fato inclusiva (GLAT; FERNANDES, 2005).

Em 2008, foi lançada a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva e aprovada, por meio de emenda constitucional, a convenção da ONU sobre os direitos das pessoas com deficiência. Através da convenção, foram assegurados sistemas educacionais inclusivos em todos os níveis. O Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008, dispõe sobre o atendimento educacional especializado (BRASIL, 2008).

Entende-se através do novo campo da Educação Física que os métodos e técnicas especializados para a classe regular não são tão visados, tornando-se na verdade um sistema de suporte permanente e efetivo para os alunos especiais incluídos, bem como para seus professores. A Educação Especial não é mais caracterizada como um sistema educacional paralelo ou segregado, mas sim como um conjunto de recursos que a escola regular deverá dispor para atender à diversidade de seus alunos. Afinal, cada dia que passa aumentam a quantidade de alunos matriculados no ensino regular com algum tipo de deficiência (GLAT; FERNANDES, 2005).

Apenas 2% dos alunos têm necessidades permanentes e requerem recursos especiais para que a resposta educativa seja adequada. Já, 18% dos problemas recorrentes nos alunos são menos graves ou menos permanentes, normalmente, nesses casos, os envolvidos recebem alguma ajuda específica nas classes de ensino comum. na grande maioria desses casos, os problemas são manifestados através da linguagem, em conflitos emocionais, ou até mesmo em dificuldades na leitura e na escrita, conseqüentemente acarretando em atrasos na aprendizagem (COLL; MARCHEZI; PALACIOS, 2007).

Os atuais desafios da Educação Inclusiva brasileira têm como proposta central a necessidade de desenvolver instrumentos de monitoramento sistemáticos, realização de pesquisas qualitativas e quantitativas que possam evidenciar os resultados dos programas implantados e identificação de experiências de sucesso; implantação de programas de capacitação de recursos humanos que trabalhem a inclusão durante a formação de professores dentro da realidade das escolas e na sala de aula regular do sistema de ensino (GLAT et al., 2003).

Durante o estudo de Damazio e Bruzi (2015) notou-se que nas aulas de educação física inclusiva, os professores preferem trabalhar com praticas adaptadas e improvisos, no que diz respeito a inclusão, a preferência é por aulas adaptadas, levando em consideração as limitações de cada aluno deficiente. Dessa forma, vai se tendo uma aula cada vez mais condizente com a realidade de cada pessoa com deficiência, a partir das informações obtidas dessa relação aluno-professor e da realidade vivenciada por eles, é possível obter melhores resultados e um trabalho de inclusão mais prazeroso, tanto para os alunos, quanto para os professores, pois tudo que está sendo colocado faz parte do meio social em que os alunos estão inseridos. Um dos principais questionamentos é se a educação física é tão bem explorada, e por que não são investidos mais recurso nos cursos de educação física inclusiva ou na reformulação do currículo. Somente através dessas novas medidas, os professores terão uma formação voltada cada vez mais aos aspectos inclusivos devido às novas formas de se expressar ou de agir desse publico.

3.2 O autismo e sua relação com o processo de ensino e aprendizagem

Durante os anos 1950 e 1960 do século passado, houve várias discussões sobre a natureza do autismo e sua etiologia, a hipótese mais levada em consideração é a de que o autismo é causado por pais que demonstravam pouco afeto emocional a seus filhos. Com o passar dos anos essa teoria foi abandonada. Já, no início dos anos 60, diversas evidências começaram a acumular-se, sugerindo que o autismo era um transtorno cerebral presente desde a infância e encontrado em todos os países e grupos socioeconômicos e étnico-raciais investigados, abandonando de vez as teorias relacionadas à esquizofrenia e a questão citada acima de que as crianças sofriam esse distúrbio por não receberem afeto maternal (KLIN, 2006)

Em 1943, o Autismo começou a ser descrito por Kanner (psiquiatra americano) que começou a agrupar em primeira mão um conjunto de comportamentos característicos, de onze crianças que eram analisadas por ele, durante o estudo foram enumeradas várias características, que teoricamente poderiam identificá-las como autistas (AARONS; GITTENS, 1992).

Em 1978, Michael Rutter propôs uma definição do autismo com base em quatro critérios: atraso e desvio sociais não só como função de retardo mental; problemas de comunicação, novamente, não só em função de retardo mental associado; comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos; e início do transtorno antes dos 30 meses de idade (KANNER, 1943).

Apesar de existirem vários estudos e pesquisas no mundo inteiro, a causa do autismo ainda não foi detectada. Não existem sintomas específicos do autismo; existem crianças autistas com vários tipos de sintomas e graus de gravidade diferentes, é difícil generalizar sobre este transtorno, porque ele manifesta-se de inúmeras formas, são várias vertentes a serem consideradas. O debate sobre a síndrome do autismo ainda permanece p. Uma das principais polêmicas é no que se refere à questão da etiologia. Muitos autores localizam a síndrome como tendo etiologia orgânica e outros enfatizam a psicológica, entretanto muitos estudiosos defendem uma multideterminação, levando em consideração tanto as etiologias, orgânica, dinâmica e social (CASTRO, 2013).

Há uma grande deficiência dos autistas na interação social, alterações da comunicação e padrões limitados ou estereotipados de comportamentos e interesses. As anormalidades no funcionamento em cada uma dessas áreas devem estar presentes em torno dos três anos de idade, alguns casos só podem ser verificados aos 05 anos de idade. Aproximadamente 60 a 70% dos indivíduos com autismo funcionam na faixa do retardo mental. Apesar desses dados, esses números vêm diminuindo, um dos principais fatores é que se tem maior percepção sobre as manifestações do autismo com alto grau de funcionamento, o que, por sua vez, parece conduzir a que um maior número de indivíduos seja diagnosticado com essa condição (GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2004).

Um aspecto interessante é o que se refere a histórias ou narrativas. Os autistas têm grandes dificuldades de contar histórias e de reter as características essenciais quando uma história é contada para eles. A maior dificuldade é em acompanhar a narrativa, com seus diferentes personagens, construindo a as características do personagem, acompanhando sua forma de pensar e se colocando no lugar do mesmo, já que normalmente, eles acompanham uma história e acabam se perdendo nos detalhes (PASSERINO, 2005).

As falhas na comunicação dos autistas acontecem de várias formas, tanto na habilidade verbal quanto na não verbal. Outras têm uma linguagem imatura, caracterizada por ecolalia, reversões de pronome, prosódia anormal, entonação monótona, entre outros aspectos. Durante a vida adulta esses déficits de linguagem e de comunicação persistem, e uma proporção significativa de autistas permanecem não verbais. Aqueles que adquirem habilidades verbais podem demonstrar déficits persistentes em estabelecer conversação, tais como falta de reciprocidade, dificuldades em compreender sutilezas de linguagem, piadas ou sarcasmo, apresentam também problemas para interpretar linguagem corporal e expressões faciais (GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2004).

Quanto à formação de conceitos, Aarons e Gittens (1992) apontam o fato das crianças autistas aprenderem na ausência de compreensão, para que o conhecimento que aparentemente possuem não possa ser utilizado e generalizado, tal como se espera de uma criança considerada normal. Em contrapartida, os indivíduos autistas, de um modo geral, possuem perturbações de índole cognitiva. A

maioria denota défices no âmbito da aprendizagem, da formação de conceitos e da imaginação. Alguns casos específicos os autistas são bem extremistas, alguns são muito mais inteligentes do que uma criança da mesma sala e da mesma idade.

3.3 A Educação Física e sua contribuição para a inclusão do estudante autista

Nos últimos dez anos, aconteceram vários avanços importantes relacionados à formação de professores no Brasil, não apenas em termos de legislação, mas também em relação à produção do conhecimento acadêmico. Em relação à legislação, destaca-se como marco jurídico-institucional fundamental a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96), aprovada em 20 de dezembro de 1996. Essa lei tem como objetivo, iniciar um processo de mudanças em todos os níveis da educação, que foram reorganizados em educação básica – que engloba a educação infantil, o ensino fundamental, o ensino médio – e ensino superior. A LDB destaca um capítulo à formação de professores, assinalando os fundamentos metodológicos, os tipos e as modalidades de ensino, bem como as instituições responsáveis pelos cursos de formação inicial dos professores (BRASIL, 1996).

Através do trabalho do professor regular e da atuação do professor especializado, é possível obter o mínimo de conhecimento e prática com alunos especiais, a proposta é que enquanto o especialista tem conhecimento aprofundado e prática sistemática no que condiz as necessidades educacionais específicas. A formação pedagógica do especialista, por sua vez deveria ser de caráter geral, com aprofundamentos específicos, permitindo assim um ensino especializado. Atualmente existe a necessidade de um professor, encarregado de auxiliar o professor regular. É possível encontrar as principais vertentes dessa proposta no Plano Nacional de Educação, que aponta a integração entre professores da Educação Especial e da educação regular como uma das ações necessárias para efetivação da educação inclusiva (BRASIL, 2000).

A contribuição da educação física é clara e objetiva, as atividades devem ter começo, meio e fim. Essas atividades devem ser selecionadas conforme a idade

cronológica de cada aluno, levando em consideração suas características e particularidades, observando as áreas de interesse de cada aluno (TOMÉ, 2007).

A Educação Física tem um papel fundamental para o desenvolvimento global dos alunos, tanto quando se trata de motricidade, quanto nos fatores cognitivos, social e afetivo, ajudando-os a se sentirem inseridos em sociedade. Apesar de possuírem algum tipo de transtorno ou alguma deficiência física, os estudantes podem e devem participar das aulas de Educação Física na escola. Para que o aluno autista desenvolva suas aptidões sociais e obtenha progresso em sua qualidade de vida, é necessário que o professor tenha auxílio de uma equipe multidisciplinar, pois a Educação física por si só, não é capaz de suprir todas as necessidades dos portadores desse transtorno, já que o autismo manifesta-se de diferentes formas em cada indivíduo (STRAPASSON; CARNIEL, 2007).

Segundo Diehl (2008) muitas escolas inclusivas, talvez por resquícios de uma atuação fora do âmbito da Atividade Motora Adaptada, ou por negligência, continuam não atendendo adequadamente crianças e jovens autistas na Educação Física. Os motivos cruciais são associados à falta de preparação, falta de conhecimento de como incluir esses alunos e por falta de informações mais detalhadas sobre como lidar de forma correta e sem negligência nesses casos de autismo. Em grande parte das aulas práticas esses alunos são esquecidos e deixados de lado, dificultando ainda mais os estímulos, eles por sua vez, fazem somente quando querem e os professores poucas vezes se esforçam para incluí-los nas aulas de Educação Física.

A Educação Física é justificada nas escolas, pelo fato de que a prática corporal é direcionada a vivência de movimentos e desenvolvimento físico e psíquico do aluno, tratando da cultura corporal de movimento e se expressando nos jogos, nas danças, nas lutas, nos esportes e nas ginásticas, através dela é possível obter o desenvolvimento global dos alunos, para que o mesmo consiga atingir a adaptação e o equilíbrio que requer suas limitações e ou deficiência; identificando assim as necessidades e capacidades de cada educando quanto às suas possibilidades de ação e adaptações para o movimento; o que facilita sua independência e autonomia, facilita também o processo de inclusão e aceitação em seu grupo social, quando necessário (STRAPASSON; CARNIEL, 2007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi abordado como os alunos autistas podem ser inseridos nas aulas de Educação Física, notou-se a partir da revisão bibliográfica que o processo de inclusão desses alunos ainda deixa muito a desejar, já que nem todos os portadores desse distúrbio possuem as mesmas características, o que dificulta ainda mais o processo de socialização e inclusão.

O autismo começou a ser estudado por Kanner em 1943, o então psiquiatra americano começou a agrupar pela primeira vez um conjunto de comportamentos aparentemente característicos, de alguns alunos que agiam de formas semelhantes, outros com algumas particularidades. Já no início dos anos 60, o autismo era ligado a questão de esquizofrenia e a questão das crianças não terem recebido tanto carinho e afeto, o que se sabe de fato, é que o autismo não advém de nenhuma má formação genética, anomalia ou algum fator biológico. Atualmente não existem exames que identifiquem o transtorno. A criança só pode ser identificada como autista, por volta dos 03 anos de idade.

A Educação Inclusiva sugere mudanças no ensino regular e nas práticas pedagógicas, que são realizadas na escola. A educação Física tem papel crucial para a inclusão desses alunos autistas, já que na maioria dos casos, eles se isolam do convívio social, geralmente não tem consciência corporal, ou simplesmente não querem fazer as atividades propostas pelos professores.

Na prática, o que foi observado com esse estudo é que os profissionais não estão bem preparados para lidar com esses alunos, faltam conhecimentos sobre o transtorno, informações de qual forma agir nos casos mais graves e boa vontade dos profissionais. A realidade é que na grande maioria dos casos, os professores e colegas de classe simplesmente ignoram o aluno autista, deixando-o de fora das atividades, ou simplesmente não o estimulam a participarem das aulas. Uma das características recorrentes entre os autistas é que eles só fazem o que querem, principalmente durante as aulas práticas, já que em muitos casos eles possuem pânico do próprio corpo, sentem angústia e preferem se isolar.

Falta preparação escolar, as escolas são falhas e não apresentam o suporte ideal para a inclusão desses alunos, o âmbito escolar não está apto para receber esses alunos de maneira correta, proporcionando de fato a inclusão; os professores

não estão se capacitando ou se reciclando para conseguirem fazer um trabalho bem feito e de maneira correta. O ideal seria que esses professores fizessem cursos, pós-graduações voltadas para a inclusão , só assim eles conseguiriam auxiliar com precisão e com base de conhecimentos.

O que se espera dos profissionais de Educação Física é que eles possibilitem um maior entrosamento entre os alunos, levando em consideração as características dos autistas. Vale lembrar que crianças com autismo frequentemente possuem dificuldade em tolerar alterações e variações na rotina, ou seja, todas as aulas devem ser muito bem pensadas e planejadas para que eles se sintam confortáveis e estimulados a participarem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARONS, Maureen; GITTENS, Tessa. **The Autistic Continuum: An Assessment and Intervention Schedule for Investigating... Children with Autism..** Nfer-Nelson, 1992.

BATISTA, M. W; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Inclusão escolar e deficiência mental: análise da interação social entre companheiros. **Estudos de psicologia**, v. 9, n. 1, p. 101-111, 2004.

BRASIL. **Lei de diretrizes bases da educação brasileira** (Lei n. 9394/96). 1996.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação** (Lei no 10.172/01). 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares / Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Especial.** – Brasília: MEC / SEF / SEESP, 1999.

CASTRO, C. **Recursos Alternativos para Inclusão de Crianças com Autismo.** 2013. 47 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento Psicológico e Educação--Vol. 3: Transtornos de Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais.** Penso Editora, 2016.

COPETTI, Jocieli Rosane. **A educação física escolar e o autismo: um relato de experiência no Instituto Municipal de Ensino Assis Brasil (IMEAB) no município de Ijuí (RS).** 2013.

Costa, A. P., da Silva, K. B., & dos Santos, W. L. Adaptações na educação física escolar para inclusão do aluno autista: um estudo de caso. **Encontro Alagoano de Educação Inclusiva**, v. 1, n. 1, 2016.

DAMAZIO, Marcia da Silva; BRUZI, Alessandro Teodoro. **Educação Inclusiva e o papel da Educação Física no contexto escolar.**

DIEHL, Rosilene Moraes. Jogando com as diferenças. **Aphorte. São Paulo**, 2008.
FARINHA, Ana Paula Vidotto. **Inclusão de autistas nas aulas de educação física: possibilidades pedagógicas que podem auxiliar em suas potencialidades.** 2014.

FERREIRA, J. R.; GLAT, R. Reformas educacionais pós LDB: a inclusão do aluno com necessidades especiais no contexto da municipalização. In: Souza, D. B. & Faria, L. C. M. (Orgs.) **Descentralização, municipalização e financiamento da Educação no Brasil pós LDB**, pg. 372 ,390 Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Gadia, C. A., Tuchman, R., & Rotta, N. T. . Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de pediatria**, v. 80, n. 2, p. 83-94, 2004.

GLAT, Rosana; FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. Da educação segregada à educação inclusiva: uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da educação especial brasileira. **Revista Inclusão**, v. 1, n. 1, p. 35-39, 2005.

KANNER, Leo et al. **Autistic disturbances of affective contact**. 1943.

KLIN, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger**: uma visão geral. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo , v. 28, supl. 1, p. s3-s11, May 2006.

PASSERINO, Liliana Maria. **Pessoas com autismo em ambientes digitais de aprendizagem**: estudo dos processos de interação social e mediação. 2005.

PEREIRA, Juliana Kellen de Gois. **Prevalência do autismo e de síndromes relacionadas em Apucarana**. 2015.

SOUZA, Talita Almeida de. **Conhecer e interagir: transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e transtorno do espectro autista**. 2016.

STRAPASSON, A. **Apostila de Educação Física para Pessoas com Deficiência da Faculdade de Pato Branco**. Pato Branco, PR: FADEP, 2006/2007.

TEIXEIRA, Juliano de Almeida. **Um olhar interdisciplinar para a criança autista: o papel da Educação Física**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

TOMÉ, Maycon et al. Educação Física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal de autistas. **Movimento e Percepção**, v. 8, n. 11, 2007.

ANEXO A



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

CARTA DE ACEITE DO ORIENTADOR

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO - TCC

Declaração de aceite do orientador

Eu, **ARTHUR JOSÉ MEDEIROS DE ALMEIDA** declaro aceitar orientar o(a) discente
THAYS MARQUES DOS SANTOS no Trabalho de Conclusão do Curso de Educação
Física do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Brasília, 04 de março de 2017.



ASSINATURA

SEPN 707/907 - Campus do UniCEUB, Bloco 9 - 70790-075 - Brasília-DF – Fone: (61) 3966-1469
www.uniceub.br – ed.fisica@uniceub.br



Na fabricação de papel reciclado, a quantidade de água equivale apenas a 2% da utilizada para a produção de papel alvejado.

ANEXO B



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

CARTA DE DECLARAÇÃO DE AUTORIA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO - TCC

Declaração de Autoria

Eu, THAYS MARQUES DOS SANTOS, declaro ser o (a) autor(a) de todo o conteúdo apresentado no trabalho de conclusão do curso de Educação Física do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Declaro, ainda, não ter plagiado a ideia e/ou os escritos de outro(s) autor(es) sob a pena de ser desligado(a) desta disciplina uma vez que plágio configura-se atitude ilegal na realização deste trabalho.

Brasília, 12 de JUNHO de 2017.

THAYS MARQUES DOS SANTOS

Orientando

SEPN 707/907 - Campus do UniCEUB, Bloco 9 - 70790-075 - Brasília-DF – Fone: (61) 3966-1469

www.uniceub.br – ed.fisica@uniceub.br



Na fabricação de papel reciclado, a quantidade de água equivale apenas a 2% da utilizada para a produção de papel alvejado.

ANEXO C



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

**FICHA DE RESPONSABILIDADE DE
APRESENTAÇÃO DE TCC**

Eu, THAYS MARQUES DOS SANTOS RA:21450645 me responsabilizo pela apresentação do TCC intitulado A INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA no dia 12/06 do presente ano, eximindo qualquer responsabilidade por parte do orientador.

THAYS MARQUES DOS SANTOS

ASSINATURA

**FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREGA DA VERSÃO FINAL DE
TCC**

SEPN 707/907 - Campus do UniCEUB, Bloco 9 - 70790-075 - Brasília-DF - Fone: (61) 3966-1469

www.uniceub.br – ed.fisica@uniceub.br



Na fabricação de papel reciclado, a quantidade de água equivale apenas a 2% da utilizada para a produção de papel alvejado.

ANEXO D



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE APRESENTAÇÃO DE TCC

Eu, ARTHUR JOSÉ MEDEIROS DE ALMEIDA

Venho por meio desta, como orientador do trabalho de Conclusão

de Curso: A INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS NAS

AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

autorizar sua apresentação no dia 12/06 do presente ano.

Sem mais a acrescentar,

Professor Orientador

SEPN 707/907 - Campus do UniCEUB, Bloco 9 - 70790-075 - Brasília-DF - Fone: (61) 3966-1469

www.uniceub.br – ed.fisica@uniceub.br



Na fabricação de papel reciclado, a quantidade de água equivale apenas a 2% da utilizada para a produção de papel alvejado.

ANEXO E



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREGA DA VERSÃO FINAL DE TCC

Eu, ARTHUR JOSÉ MEDEIROS DE ALMEIDA

venho por meio desta, como orientador do trabalho de Conclusão de Curso A INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA autorizar a entrega da versão final no dia 24 / 06 do presente ano.

Sem mais a acrescentar,

Professor Orientador

SEPN 707/907 - Campus do UniCEUB, Bloco 9 - 70790-075 - Brasília-DF - Fone: (61) 3966-1469

www.uniceub.br - ed.fisica@uniceub.br



Na fabricação de papel reciclado, a quantidade de água equivale apenas a 2% da utilizada para a produção de papel alvejado.

ANEXO F



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

AUTORIZAÇÃO

Eu, THAYS MARQUES DOS SANTOS RA 21450645, aluno(a) do Curso de EDUCAÇÃO FÍSICA do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, autor(a) do artigo do trabalho de conclusão de curso intitulado A INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, autorizo expressamente a Biblioteca Reitor João Herculino utilizar sem fins lucrativos e autorizo o professor orientador a publicar e designar o autor principal e os colaboradores em revistas científicas classificadas no Qualis Periódicos – CNPQ.

Brasília, 29 de Junho de 2017.

THAYS MARQUES DOS SANTOS

Assinatura do Aluno

SEPN 707/907 - Campus do UniCEUB, Bloco 9 - 70790-075 - Brasília-DF – Fone: (61) 3966-1469

www.uniceub.br – ed.fisica@uniceub.br



Na fabricação de papel reciclado, a quantidade de água equivale apenas a 2% da utilizada para a produção de papel alvejado.